ESHOJE®

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 19 de novembro de 2026)) Ano XXV)) Nº 1429
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

O futuro da IA depende de quem sabe conduzir - e bem - a tecnologia)) 2



DIVULGAÇÃO

CULTURA

Cineasta revela bastidores do cinema independente em websérie capixaba)) 4



Benefício na conta de luz em risco no Espírito Santo

Mais de 72 mil consumidores capixabas precisam corrigir pendências cadastrais até dezembro para evitar a perda do benefício da Tarifa Social em janeiro)) 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



MARIA AUGUSTA RIBEIRO

A Disney já entendeu: o futuro da IA é saber dirigir

Domingo à tarde, a criança pede o mesmo filme pela enésima vez, e os adultos já sabem as falas de cor. É assim que um personagem atravessa gerações. Agora, a Disney anunciou com a Adobe modelos de IA próprios, treinados no seu acervo, conduzidos por artistas e pensados para resultados comercialmente seguros. Nada de uma IA alimentada por qualquer coisa da internet: agora ela precisa ser personalizada e conhecer a casa.

Parece notícia de tecnologia, mas é profundamente humana.

Um personagem de infância é memória, afeto, a voz de alguém contando a história antes de dormir. Proteger esse acervo é segurança jurídica e propriedade intelectual, mas também é respeitar a autoria de quem criou e a cultura que tantas famílias guardam com carinho.

Ou seja, quando até quem domina a tecnologia coloca o artista no centro, o recado está dado: a IA vai longe, mas precisa de direção, que se constrói em três movimentos.

O primeiro movimento é entender para onde a IA está indo. Produzir ficou fácil, mas o valor migrou de o que vale a pena produzir, para quem e por quê. O público já percebeu. Pesquisadores da Universidade Estadual de Washington mostraram que a simples menção à "inteligência artificial" na descrição de um produto reduz a intenção de compra, porque abala a confiança emocional. Afinal, o que as pessoas sentem diante de um conteúdo impecável, mas sem ninguém dentro?

Nesse cenário, criadores deixam de disputar velocidade com a IA e passam a disputar repertório, critério e sensibilidade. A profissão do futuro se parece menos com a de quem opera a ferramenta e mais com a de quem dirige um set: escolhe, corta, ajusta e assina. Nas empresas, por outro lado, a pressa chega antes da pergunta. Um relatório do MIT concluiu em 2025 que a grande maioria das organizações não obteve retorno mensurável com IA generativa, e que a diferença está na forma de adotar. Já a ciência precisa chegar mais perto do mercado, oferecendo método e escuta a quem compra a ferramenta antes de entender as pessoas.

O segundo movimento acontece dentro de casa. O Fórum Econômico Mundial, no relatório Future of Jobs 2025, aponta o pensamento criativo e a curiosidade entre as habilidades que mais vão ganhar importância até 2030. No entanto, na avaliação de pensamento criativo do PISA, divulgada pela OCDE em 2024, os estudantes brasileiros de 15 anos ficaram bem abaixo da média dos países da organização. Ou seja, a direção de amanhã começa hoje, na sala e na cozinha.

E começa com hábitos simples. Ler junto, em voz alta, e deixar a criança recontar a história. Depois do filme, perguntar o que ela sentiu e por quê. Trocar o "porque sim" por "o que você acha?". Criar antes de consumir mais uma tela. E, quando a IA entrar na rotina, usar junto, comparando respostas e duvidando. Em resumo, as crianças precisam amar a leitura, aprender a interpretar textos, sensações e emoções. Uma formação com caráter centrado no humano.

Por fim, o terceiro movimento é aplicar, e aqui o critério vem antes da ferramenta. Para profissionais, significa definir o objetivo antes de abrir o aplicativo, revisar cada resposta com olhar crítico e manter a própria assinatura. Afinal, um estudo da Microsoft Research, de 2025, associou maior confiança na IA a menos pensamento crítico. Para empresas, do agro aos serviços, significa redesenhar processos, e não apenas distribuir licenças; a McKinsey identificou o redesenho dos fluxos de trabalho como um dos fatores que mais pesam no resultado. Significa também treinar a IA com o próprio acervo, como faz a Disney, e escutar os clientes nas redes antes de decidir o que produzir.

Afinal, que futuro estamos ensinando a IA a construir, e quem está segurando a direção? Quem entende o cenário, prepara as crianças em casa e aplica com critério não será dirigido. Pelo contrário, ajudará a decidir para onde a IA vai.



ESHOJE
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Alencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:
/eshoje
@eshoje
eshoje
eshoje

Mais de 70 mil famílias podem perder benefício

Consumidores precisam corrigir cadastros para manter a Tarifa Social de luz em 2027

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Mais de 72 mil famílias de baixa renda do Espírito Santo correm o risco de começar 2027 pagando mais pela energia elétrica. Segundo a EDP, distribuidora que atende 70 municípios capixabas, 72.495 consumidores apresentam pendências cadastrais que precisam ser regularizadas até 31 de dezembro para evitar a perda da Tarifa Social de Energia Elétrica.

O problema pode estar em uma conta de luz que continua em nome do antigo morador, informações desatualizadas no Cadastro Único (CadÚnico) ou divergências entre os registros da família e os dados da distribuidora. Sem a correção, consumidores que cumprem os critérios do programa podem deixar de receber o benefício em janeiro.

A Tarifa Social garante desconto de 100% sobre a tarifa correspondente aos primeiros 80 quilowatts-hora (kWh) consumidos por mês. Acima desse limite, a parcela excedente é cobrada normalmente. A conta, porém, não é necessariamente zerada: a Contribuição para Iluminação Pública, cobrada pelo município, e eventuais serviços adicionais podem continuar na fatura.

COMO PERDER O DIREITO

Para receber o benefício automaticamente, a conta de energia precisa estar vinculada a um integrante da família beneficiária. Em imóveis alugados, cedidos por parentes ou que mudaram de moradores, a titularidade pode permanecer em nome de alguém que não faz parte do cadastro familiar.

Nessas situações, é necessário solicitar à distribuidora a transferência da conta para um integrante registrado no CadÚnico. O procedimento exige documento pessoal com foto e a fatura mais recente, conforme as condições de atendimento da empresa.

Outra exigência é manter o CadÚnico atualizado. As informações devem ser revistas a cada dois anos ou sempre que houver mudanças na renda, no endereço ou na composição familiar. A atualização é feita nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) ou nos postos municipais responsáveis pelo cadastro.

A concessão da Tarifa Social ocorre automaticamente pelo cruzamento de dados do governo federal com os registros das distribuidoras. Por isso, mesmo quem já recebe o desconto precisa conferir se as informações estão corretas. Famílias que atendem aos requisitos, mas não foram incluídas, podem procurar a EDP para verificar a situação.

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



Tarifa Social garante gratuidade de até 80 kW/h por mês a famílias inscritas no Cadúnico

Atendimento móvel

PREFEITURA DE VITÓRIA



A EDP oferece atendimento itinerante na Grande Vitória

A EDP organizou atendimentos itinerantes para orientar os consumidores e realizar mudanças de titularidade. Até 27 de novembro, a equipe estará no Terminal de Laranjeiras, na Serra. No dia 28, o atendimento será no Faça Fácil de Cariacica. Entre 30 de novembro e 12 de dezembro, será a vez do Terminal de Campo Grande, também em Cariacica.

Os locais também negociam dívidas pelo feirão "Se livra nos 30". Quem não puder comparecer pode utilizar os canais da distribuidora. Já a atualização do CadÚnico deve ser feita presencialmente na rede municipal de assistência social.

A orientação é procurar atendimento antes dos últimos dias de dezembro, pois a regularização pode exigir correções em mais de um cadastro.

Antes de procurar a distribuidora, o consumidor pode conferir na própria fatura quem aparece como titular da unidade. Também vale verificar se o endereço informado no CadÚnico corresponde ao local onde a família mora. Isso ajuda a identificar divergências.

São procedimentos diferentes. Corrigir o nome na conta não substitui a revisão do cadastro social, assim como atualizar os dados da família no CRAS não altera automaticamente o responsável pelo contrato de energia. Pode ser necessário procurar os dois serviços.

Quem tem direito à tarifa social

O BENEFÍCIO atende famílias inscritas no CadÚnico com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa, além de idosos com 65 anos ou mais e pessoas com deficiência que recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Também são contempladas famílias com renda mensal de até três salários mínimos que tenham integrante com doença ou deficiência cujo tratamento dependa do uso contínuo de equipamentos elétricos, mediante comprovação médica. Famílias indígenas e quilombolas podem ter acesso conforme as regras federais.

A gratuidade sobre os primeiros 80 kWh entrou em vigor em julho de 2025. Antes, os descontos variavam conforme a faixa de consumo. Cada família pode receber o benefício em apenas uma unidade consumidora.

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



Inscrito no Cadúnico deve ser o título na empresa de energia

FIQUE ATENTO

Onde buscar atendimento

- **Terminal** de Laranjeiras – Serra: até 27 de novembro, das 8h30 às 16h. Avenida Civit, Laranjeiras.
- **Faça** Fácil – Cariacica: 28 de novembro, das 8h às 13h. Rodovia Leste-Oeste, nº 154, Santo André.
- **Terminal** de Campo Grande – Cariacica: de 30 de novembro a 12 de dezembro, das 8h30 às 16h. Rua Dom Pedro II, Cruzeiro do Sul.
- **EDP:** www.edp.com.br/tarifasocial; WhatsApp (27) 99772-2549; telefone 0800 721 0707.
- **CadÚnico:** atualização presencial no CRAS ou posto municipal responsável.

Natália Dornelas lança série documental no ES

Produção detalha em cinco episódios os bastidores de criação do curta-metragem Sola

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

REPRODUÇÃO/WEBSÉRIE



Websérie mostra, em cinco capítulos, os bastidores do curta Sola, da pré-produção à montagem

A cineasta Natália Dornelas lança no dia 20 de novembro, às 12h, a websérie documental Projeto Sola, disponível no canal da produtora Dandá no YouTube. Dividida em cinco episódios, a produção registra os bastidores da realização do curta-metragem Sola, dirigido por ela, abrangendo desde as reuniões de pré-produção e a dinâmica das gravações até a etapa de montagem e a circulação da obra em festivais de cinema pelo país.

A proposta da série é revelar o funcionamento do cinema independente brasileiro, destacando o planejamento, a organização e o trabalho coletivo no set, além de evidenciar o protagonismo de uma mulher negra no comando da direção. Formada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e especialista pelo Clacso, Dornelas realizou o projeto com recursos do Funcultura (Secult-ES), via Lei Paulo Gustavo. Na entrevista a seguir, a diretora detalha o processo criativo da obra e os desafios do audiovisual capixaba.

ES Hoje: O que é "Sola"?

Natália Dornelas: "Sola" foi meu primeiro curta-metragem de ficção como diretora, filmado em outubro de 2022. A obra nasceu do desejo de romper com a naturalização da solidão atribuída às mulheres negras. Em vez de tratar esse sentimento como uma característica individual, Sola denuncia sua origem estrutural, como uma imposição social resultante de um sistema racista e patriarcal que invisibiliza os afetos.

DIVULGAÇÃO



> "Registrar esse processo é também afirmar que existe uma história do cinema sendo construída"

De onde surgiu o desejo de realizá-lo?

A proposta é comunicar o desconforto sem precisar dizer. Traduzi, por meio da linguagem, o incômodo sutil e constante que uma pessoa negra sente ao ocupar espaços embranquecidos. O desejo de realizar o "Projeto Sola" surgiu da vontade de registrar e compartilhar essa experiência. Eu queria criar uma espécie de diário de bordo, mostrando o percurso de realização de um filme e tudo aquilo que acontece antes de ele chegar à tela. Existia um desejo de mostrar aquilo que normalmente fica fora da tela. Tornar visíveis as pessoas, as relações e o trabalho coletivo que fazem um filme existir.

Quando o processo virou obra?

Um dia, fui à casa da Tati Franklin e disse: "Amiga, tenho um sonho de transformar isso em uma websérie um dia. Você filmaria o set para mim?". Tati é uma documentarista cujo trabalho admiro muito e eu sabia que ela teria um olhar sensível para acompanhar aquele processo. Para mim, era importante que essa documentação acontecesse com alguém em quem eu confiasse. Estar na direção de um filme já envolve muitas camadas de atenção e responsabilidade. Ser filmada enquanto dirigia poderia trazer uma outra camada de exposição, mas me senti muito segura com o olhar da Tati. Ela foi muito sutil na maneira de acompanhar o set e, em alguns momentos, eu até esquecia que estava sendo filmada. Depois, reunimos todo esse material e começamos a construir a narrativa da série.

Como foi dirigir sendo filmada?

Acho importante, primeiro, que as pessoas compreendam que existe muito trabalho por trás de um filme. Às vezes, temos contato apenas com a obra pronta, mas sua realização envolve anos de dedicação, diferentes etapas, decisões, dificuldades e muitas pessoas trabalhando juntas. Documentar esse percurso é também uma maneira de tornar visível um trabalho que, muitas vezes, permanece escondido atrás do resultado final. No caso de "Sola", existe ainda uma dimensão de memória muito importante. O filme foi gravado em outubro de 2022, num momento bastante particular da história recente do Brasil, às vésperas de um segundo turno eleitoral decisivo. Aquele contexto atravessava nossas vidas e, consequentemente, também o modo como estávamos realizando o filme. Registrar aquele período, aquela equipe e as condições em que a produção aconteceu é uma forma de preservar a memória de uma experiência coletiva.

O que a série revela sobre fazer cinema independente no Espírito Santo hoje?

Existe uma mobilização enorme de profissionais, artistas e técnicos para que os filmes aconteçam. São pessoas que constroem seus caminhos dentro de um cenário que ainda apresenta muitos desafios para a produção, a circulação e a continuidade do trabalho no cinema. Para mim, registrar esse processo é também afirmar que existe uma história do cinema sendo construída aqui, por profissionais que estão trabalhando, criando e encontrando maneiras de realizar seus filmes. É importante que essas experiências não se percam e que possamos produzir memória sobre o nosso próprio fazer cinematográfico.

REPRODUÇÃO/WEBSÉRIE



A apresentação do filme também foi registrada na websérie

A estreia no Dia da Consciência Negra foi intencional?

Sim, foi intencional. Acho importante que esse momento também convide à reflexão sobre quem conta as histórias, ocupa os espaços de criação e toma decisões no audiovisual. Nós, mulheres negras, já estamos presentes no cinema, em diferentes funções. Mas ainda sonho em ver muito mais mulheres negras roteirizando e dirigindo. Ser uma diretora negra é ocupar um lugar que durante muito tempo disseram que não era para mim. Eu mesma demorei a me enxergar ali. Não estou aqui porque alguém abriu a porta. A gente está tomando esse lugar. Ainda faltam criadores negros pensando as histórias. Faltam olhares que reconheçam nossas vivências em sua potência, complexidade e humanidade. Acredito que, se nós, mulheres negras, não contarmos nossas histórias, muitas delas simplesmente não serão contadas ou não serão representadas com a dignidade e a profundidade que merecem.

Como sua formação em estudos afro-latino-americanos atravessa seu olhar como diretora?

Minha formação em Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos ampliou minha compreensão sobre as experiências históricas, culturais e políticas que atravessam nossas existências. Também fortaleceu meu interesse por narrativas que não se limitam a representar mulheres negras pela violência ou pela ausência, mas que olham para nossos desejos, afetos, contradições, relações e possibilidades de futuro. Isso atravessa as histórias que escolho contar e a maneira como penso o cinema. A mudança está acontecendo e faço parte dela. Saber que cada filme pode contribuir para abrir caminhos para outras mulheres me move. Não quero estar sozinha nesse lugar. Quero olhar para o lado e ver muitas outras mulheres negras dirigindo, criando e contando suas próprias histórias, até que nossa presença atrás da câmera deixe de ser exceção..